

ARTIGO - 4. AS PERSPECTIVAS DA CONSERVAÇÃO DESDE O SUL
GLOBAL: PATRIMÔNIO PARA TODOS: DEMOCRACIA E JUSTIÇA SOCIAL /
REFLEXÕES SOBRE PATRIMÔNIO: NARRATIVAS PLURAIS E MEMÓRIAS
SILENCIADAS / NOVAS PERSPECTIVAS E ABORDAGENS NA GESTÃO,
VALORIZAÇÃO E CONSERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO.

**O TOMBAMENTO DO TEATRO OFICINA (1980–1984): A CONSERVAÇÃO
COMO PROCESSO CULTURAL DINÂMICO**

Malu Rodrigues Kühl (malu_rk@hotmail.com)

André Augusto De Almeida Alves (aaaalves@uem.br)

Aline Passos Scatalon (alinescatalon@gmail.com)

Annabia Ferreira Sperandio (annabiafs@gmail.com)

O Teatro Oficina, localizado no Bixiga em São Paulo, é um exemplo paradigmático de disputa pela preservação cultural, revelando como memória coletiva e vitalidade artística se articulam frente às pressões da especulação imobiliária. Fundado em 1958, consolidou-se como uma das companhias mais inovadoras do país, referência teatral e arquitetônica. Na década de 1980, diante do risco de venda e demolição do imóvel, pressionado pela expansão especulativa do Grupo Silvio Santos, José Celso Martinez Corrêa, diretor da companhia, solicitou ao Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico (CONDEPHAAT) o tombamento do espaço, já integrado à história da companhia há mais de 20 anos. Paralelamente, é iniciado um novo projeto para o Oficina, conduzido por Lina Bo Bardi e Marcelo Suzuki. No fim de 1982, o tombamento estadual foi aprovado, apoiado no

parecer de Flávio Império, arquiteto ligado à história do Teatro, afirmando que o tombamento não deveria significar seu congelamento formal, mas garantir a mutabilidade necessária ao fazer teatral da companhia. Essa concepção abriu caminho para uma abordagem ancorada na ideia de patrimônio em permanente transformação. Após o tombamento, em 1984, Lina retoma o projeto, agora em parceria com Edson Elito, propondo extrapolar os limites do edifício, ao transformá-lo em extensão da própria cidade. Elementos como o palco passarela, a plateia em galerias laterais, o janelão envidraçado, a cobertura retrátil, materializavam a expansão radical do espaço cênico, dissolvendo fronteiras entre palco, plateia e meio urbano. Consolidando-se como manifestação arquitetônica de resistência frente à verticalização e o emparedamento especulativo. O Teatro Oficina evidencia como o tombamento e o projeto pode ser mobilizado não só como medida técnica, mas como ferramenta política e cultural. A cronologia entre o pedido de tombamento e o projeto de intervenção revela a inseparabilidade entre luta institucional e criação arquitetônica, transformando a preservação em ato coletivo. Diferentemente das práticas hegemônicas, o Oficina aponta novas perspectivas de preservação no patrimônio, que não equivale ao congelamento do bem tombado, mas garante condições para que o patrimônio e a memória continuem vivos, mesmo que em constante reinvenção. O artigo apresenta a crônica do tombamento do Teatro Oficina e sua relação com o projeto de Lina Bo Bardi e Edson Elito. As fontes incluem, o processo de tombamento pelo CONDEPHAAT e seis croquis de Lina Bo Bardi, analisados para compreender as relações entre o projeto, o processo de tombamento e a preservação do espaço. Como resultado, espera-se compreender como concepção projetual incorporou o contexto de luta pela preservação a partir da não fixação do espaço, ilustrando como a preservação pode assumir formas de resistência cultural, em contraste com abordagens catalizadoras do patrimônio.

Palavras-chave: patrimônio cultural; lina bo bardi; tombamento; resistência urbana.